

Econ Brasil

# A batalha do mercado

**R**ecuperação do crescimento (mais emprego e renda) e menores perdas por conta de uma inflação sob controle. O cenário desenhado em conjunto por técnicos brasileiros e da delegação do Fundo Monetário International que nas duas últimas semanas construíram a revisão do acordo com a instituição, válida para o próximo ano, pode ser considerado, antes de mais nada, otimista. Mas não deixa de ser exequível, desde que haja empenho para tanto.

O estudo, que ainda depende de aprovação dos dirigentes do FMI, em Washington, prevê crescimento do Produto Interno Bruto de 4% em 2000, com taxa de juros, descontada a inflação, de 9% ao ano - para uma inflação estimada em 6% anuais. O Brasil deverá ainda produzir um superávit de US\$ 4 bilhões na balança comercial, mantendo a cotação do dólar abaixo de R\$ 1,98.

A comparação dessas metas com os resultados deste ano - crescimento entre 0 e 0,5% e déficit comercial de US\$ 1 bilhão - indica que não haverá conquistas espontâneas. Internamente, será necessário avançar na consolidação das medidas necessárias ao equilíbrio das contas públicas, o sempre lembrado ajuste fiscal. Externamente, o Brasil precisará assumir posições firmes contra o protecionismo dos países mais ricos, ao mesmo tempo em que adota mecanismos que aumentem a competitividade de seus produtos.

Não dá para compreender o crescimento da economia sem uma política agressiva de exporta-

ção. Iniciativas nessa área serão determinantes para que se cumpra o superávit da balança comercial, já que dificilmente se conseguirá reduzir significativamente as importações. A área externa é também fundamental para o País intensifique a produção, gerando emprego e mais receita. Até porque o consumo interno deverá, pelo menos num primeiro estágio, continuar monitorado, para evitar que seu crescimento traga a reboque indesejáveis efeitos inflacionários.

O Brasil precisará criar meios para exportar mais, tanto a partir de um esforço interno, como pela atuação no plano internacional dedicada a combater o protecionismo dos países ricos. Como se sabe que a demanda mundial está em declínio - ou pelo menos estagnada - a conquista de novos mercados só acontecerá via competitividade. Uma condição que o País tem, de sobra, em setores como a agropecuária, a siderurgia e calçados, entre outros, que só encontram limitação nas barreiras criadas pelas nações com potencial para importar.

Nem adianta dar atenção a autoridades como Charlene Barshefsky, a toda-poderosa secretária do Comércio Exterior dos Estados Unidos, para quem a falta de competitividade é que determina o mau desempenho das exportações brasileiras. Porque o protecionismo de países como os EUA se opõe justamente aos produtos em condições de vencer a concorrência interna e, portanto, competitivos como ela recomenda. Esta a batalha prevista para o ano 2000.